

B

A arte 'en-trance' de Yoko

Brasília - Josemar Gonçalves



Yoko num dos módulos da instalação En-trance, misto de entrada e em transe, com passagens que se afinilam, outra cercada com cordas e um estreito corredor de espelhos

Artista plástica de vanguarda, viúva de John Lennon expõe em Brasília e planta jardim da paz no Planalto

RENATO FAGUNDES

BRASÍLIA - Uma boêmia, que não consegue planejar nada e jamais teve qualquer compromisso com uma missão - seja religiosa, política ou estética -, Yoko Ono não esconde que, na verdade, sempre desejou afetar comportamentos e idéias com sua arte, sem tentar ser uma salvadora do mundo ou uma mensageira da paz. "Quero que vocês sintam a diversão que é a vida, um playground da mente", disse Yoko ontem referindo-se a *En-Trance*, uma das suas 14 instalações e séries de obras expostas em Brasília a partir de hoje, às 20h, até o dia 29 de novembro no Teatro Nacional de Brasília. "Já em *Ex-It*, quero que sintam o espírito de resistência. O destino pode nos matar, e isso aconteceu tantas vezes. Mas não pode matar nosso espírito. Nós crescemos além dos nossos caixões, como árvores", afirma Yoko.

A vontade de brincar e incentivar a brincadeira começa pelo nome das obras. *En-Trance* é um trocadilho com *entrada* e *em transe*. Trata-se de um portal com várias passagens. Algumas se afinilam, outra tem cortinas de corda, uma terceira é um estreito corredor de espelhos. *Ex-It* também tem dois sentidos: *saída* e *ex-isto*, algo que deixou de ser. A peça, montada no Panteão da Pátria, mostra caixões de onde brotam árvores. "Meu trabalho tem sugestões de tragédia, de comédia e de alegria de viver também".

Apesar de reconhecer que ainda tem muito a aprender sobre o Brasil - "eu tinha o mesmo conceito sobre o Brasil que a maioria das pessoas têm nesta aldeia global" -, ela afirma que já sabe bastante sobre a música brasileira. "Recentemente meu filho (Sean Lennon) ficou muito in-

teressado na sua música. E eu tive que ouvir bossa nova um ano inteiro", diz Yoko, rindo, para depois afirmar: "Mas eu amo a bossa nova, gosto muito mesmo".

A brecha aberta para falar de Sean traz à tona o marido, John Lennon, que projetou as luzes da fama mundial - e do assédio interminável à vida pessoal - sobre a artista de vanguarda, antes conhecida apenas em círculos restritos. "Muitos críticos de rock perguntam a Sean: por que bossa nova? Acham que ele é o herdeiro do rock. Esperam algo diferente do filho de John Lennon. Mas eles não sabem o que John realmente foi em sua época. A grande verdade é que meu filho, como seu pai, está muito interessado em horizontes novos. Ele não tem medo de sair de casa."

Sean, que começa a ter algum sucesso com seu bossa-novista primeiro disco, é mais um herdeiro da família de talentos do grupo Fluxus, uma experiência de vanguarda e arte conceitual nos EUA, Europa e Japão iniciada nos anos 60. Outro pioneiro do Fluxus, Al Hansen, morto há alguns anos, era avô de Beck, expoente do rock alternativo americano. Mas Yoko não quer mais ser associada ao senso de missão do Fluxus, com obras transgressoras e impregnadas de filosofia zen, tendo por objetivo intervir no mundo para provocar transformações.

"Eu não sabia que o Fluxus tinha uma missão. Era artista antes do Fluxus, e continuei depois que todos se esqueceram do Fluxus. Acho que tudo que posso é ser eu mesma. Não quero nenhum movimento para me dizer o que fazer", diz Yoko, que também descarta a estrita ligação à filosofia zen. "Acho que eu sou influenciada pela história e pela socie-

dade. Alguns trabalhos podem parecer influenciados pelo zen e outros pelo cristianismo. Já outros não são religiosos de jeito algum. Tudo depende de como as pessoas desejam ver".

Já a música feita por jovens como seu filho e Beck, para Yoko, é "linda" por causa da fusão de ritmos. "Quando entrei no rock, eu vinha de uma formação diferente. Sabia que seria excitante misturar rock com jazz, música clássica e de vanguarda. Não que fosse mais esperta que os outros mas, sendo japonesa, acabei virando uma ponte entre o Oriente e o Ocidente, e na música também. A nova geração usa muito a fusão", afirma Yoko.

Ela afasta a imagem de mensageira da paz, apesar dos protestos públicos que fez com John Lennon contra a guerra do Vietnã - os célebres *Bed-Ins* e *Love-Ins*. "Todos nós representamos a paz mundial. Esta não é uma época de heróis ou heroínas. A sociedade é complexa demais para isso, e seus problemas são pesados demais. Ninguém precisa fazer muito: é só fazer um pouco e o efeito dominó acontece. Pensem bem: pensem em paz e rezem pela paz. Isso vai mudar nossa vida", acredita Yoko. "O fato de não termos começado ainda a terceira guerra mundial mostra que algo de certo nós estamos fazendo", prossegue.

As obras expostas por Yoko em Brasília cobrem mais de três décadas. Na capital, ela vai deixar também o embrião de um jardim dedicado à paz batizado de *Árvores do desejo para o Brasil*. Hoje, às 15h, Yoko ajuda a plantar os primeiros de um total de 60 ipês, com o governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque, um dos patrocinadores da visita dela ao Brasil. Depois de Bra-

sília, a mostra segue para Salvador.

Yoko se confessou impressionada com Brasília. "Ouvi muitas coisas sobre esta cidade, mas até chegar aqui não sabia realmente como era. Olhei essa bela e futurística arquitetura e pensei: é quase como se alguém de outro planeta a tivesse construído". Na capital da política, Yoko fez um voto de confiança nos políticos - alvos de suas críticas nos anos 60. "Arte, filosofia e política existem para fazer nossas vidas melhores, mais fáceis e mais divertidas. É só isso. Não acho que filosofia seja uma expressão superior. Nem necessariamente que a política seja inferior", afirma Yoko.

A demora em vir ao Brasil - esta é a primeira visita à América Latina - tem uma explicação singela. "Muitos acham que eu planejo muito as coisas, mas eu sou uma boêmia, vou com o fluxo das coisas. Se algo vem para mim, acho que é uma benção. Não importa se há dez anos ou agora". Yoko fez questão de trazer trabalhos em vários suportes diferentes - quadros, instalações, esculturas. "Quero tocar o coração, não o cérebro. Não é um exercício intelectual. Usando vários meios diferentes, quero mostrar que você pode usar o que quiser, se tem algo a dizer".

"Nos anos 60, se dizia que o meio é a mensagem. Eu dizia que a mensagem é o meio. Se você tem uma mensagem, pode usar qualquer meio para transmiti-la. Sem uma mensagem, o meio é apenas decorativo. Mesmo na infância, eu já sabia que não era suficiente acordar de manhã, ir para a escola, comer e dormir. Sabia que havia algo a mais para a vida valer a pena. Tive inspirações, sons e visões tão altos e claros, e tudo que fiz foi trazer isso para fora. Não foi uma escolha minha."